A FOLIA E A DOR

NA OBRA DE

JOSÉ MALHOA

PELO

DOUTOR EGAS MONIZ
(PRÉMIO NOBEL)

❀

1955

SIhi

BA
2532 2

Slhi

A FOLIA E A DOR

NA OBRA DE

JOSÉ MALHOA

SIhi

BP
2532

A FOLIA E A DOR

NA OBRA DE

JOSÉ MALHOA

PELO

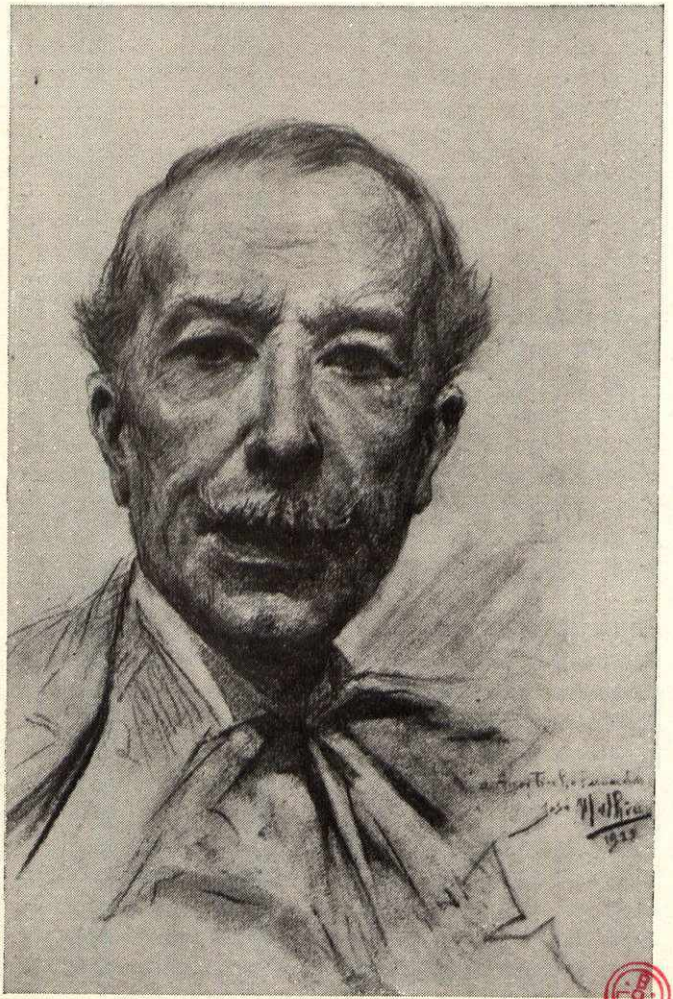
DOUTOR EGAS MONIZ
(PRÉMIO NOBEL)

1955

SIhi

B. N. L.
DEPOSITO LEGAL
215997 - 4.XI.55

Separata dos n.os 1305 - 1306 de «SEARA NOVA»



Auto-retrato de José Malhoa

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

À Academia das Ciências não podia passar despercebido o centenário de um dos nossos mais notáveis pintores contemporâneos, Mestre José Malhoa. O nosso Secretário da Classe, Sr. D. António Pereira Forjaz, advoga a ideia de que a Academia, deixando a sua tradicional clausura, apenas limitada às actividades regulamentares e referências aos acontecimentos académicos, deve alargar a sua esfera de acção, emitindo as suas opiniões sobre os acontecimentos notáveis do meio cultural português e estrangeiro.

Solicitou-me, nesta orientação, uma alocução sobre o grande pintor cujo nascimento, há um século, nas Caldas da Rainha, leva esta linda cidade a consagrar mais uma vez o seu nome no Museu em que António Montez recolheu o mais que pôde da sua obra, com a devoção de grande admirador e culto apreciador da actividade artística de José Malhoa.

Apelou para mim por o ter conhecido de perto e talvez por saber de alguma coisa ter escrito sobre os seus quadros.

Hesitei um pouco, mas reconheci que a Academia não podia deixar passar indiferente o centenário do nas-

Slhi

cimento deste grande pintor contemporâneo sem uma referência à sua obra magnífica. Prometi que diria algumas palavras, antes da hora do dia, como preito de saudade, a título informativo, em que não há outras pretensões além da muita admiração e estima que consagrei ao Mestre querido. Julgo assim, sem exceder as normas académicas que, como presidente da Classe de Ciências sou forçado a defender, prestar um justo preito de viva homenagem a quem tão alto elevou a Arte pictoral portuguesa durante mais de meio século.

Fui íntimo de José Malhoa. Com ele convivi na apreciação da sua obra e até de pinturas de estranhos. Quando ia almoçar comigo, havia dois quadros que sempre o detinham, um de Carlos Reis, em que o seduzia um céu com ligeiras nuvens já mal incendiadas pelo sol que se sumira no horizonte, e em que se reflecte a alma de um grande artista. Num plano inferior, no caminho da colina, sobe um cortejo, em ar triste de procissão, levando um pequeno ataúde de criança que raparigas de branco acompanham em ar magoado.

O céu, dizia Malhoa, é uma obra-prima, e nele ainda hoje regalo os meus olhos recordando as suas palavras em que, como sempre, havia a honestíssima imparcialidade que sempre lhe conheci, na apreciação dos trabalhos dos seus camaradas.

O outro quadro em que sempre atentava antes de se sentar à mesa, já na sala de jantar, era um *Snyders* em que há um galo a procurar grãos de milho, belamente emplumado e numa atitude cheia de garbo e elegância. Tinha o quadro outros atractivos, como outros pormenores a tela preciosa de Carlos Reis; mas eram estes dois aspectos que o prendiam em contemplações repetidas, sempre que me honrava com a sua companhia.

Slhi

Uma vez deu-me a grande satisfação de uma visita à minha aldeia. Foi nas férias de Verão. Havia calor e aquela luz brilhante que tantas vezes trasladou para as suas telas. Como conhecia a feição e predilecções do caro artista, propus-lhe um passeio na Ria de Aveiro, em barco moliceiro de proa arqueada e com as conhecidas pinturas de um primitivismo pitoresco que Malhoa apreciou complacentemente. Chamou-lhe em especial, a atenção, um «Lobo do mar», espécie que não conhecia, de boca aberta e aspecto arrogante. Dele me falou por mais de uma vez, bem como de um par de namorados, de ar seráfico, que olhava o espaço em mística contemplação.

Combinou-se uma pescaria e caldeirada nas Quintas, à moda da terra, e havia a certeza do êxito, pois o Leonardo comandava a caravana.

Fiz-lhe a surpresa de uma festazinha regional, levando a bordo um *trio* para o desafio da cana-verde, canção popular da minha região. Um harmónio, uma cantadeira, a mais afamada das redondezas, e o Marques de Sardinha, a quem chamavam o «cantador real» e cuja efígie perdura num dos quadros de azulejos da estação de Avanca. O seu título não fora alcunha da aldeia, tinha razão de ser. Uma vez que a Rainha, Senhora D. Amélia, fez uma estância nas termas de S. Pedro do Sul (onde também estivera a curar-se de dores reumáticas o nosso primeiro rei D. Afonso Henriques), promoveram-lhe uma festa regional, oferecendo-lhe um «desafio». Foi convidado o melhor cantador daquelas regiões, improvisador rápido, por vezes cáustico e outras malicioso, mas sem nunca exceder as conveniências, o Marques de Sardinha, de Avanca, que já com as barbas a esbranquiçarem era pronto nas respostas e expe-

Slhi

dito nos remoques, dando troco imediato à mais experimentada cantadeira. Diz-se que a Rainha muito apreciou a espontaneidade da sua verve e ofereceu-lhe um relógio de prata que várias vezes me mostrou cheio de orgulho. Daí o título de «cantador real» com o que o povo de Avanca o galardoou no seu regresso à aldeia.

A Malhoa muito agradou o modesto trio. Quase não falava para dar atenção ao seguimento das quadras e aos remoques brejeiros, rindo, por vezes, com aprazimento. Deu particular atenção à indumentária e gestos do homem do harmónio que dedilhava o instrumento em mangas de camisa, à cantadeira que vestia à varina e sabia defender-se como pessoa habituada àquelas liças e, em especial ao Marques de barbas brancas, de fato escuro, chapéu amarrotado e a indispensável bengala em que apoiava o manto, sempre pronto para a chalaça.

No regresso à Ribeira de Mourão não se cansou de me louvar pela feliz lembrança, pois era um aspecto da vida do povo nortenho que desconhecia. No Marinheiro ainda detive, a pedido do Mestre, os três artistas que só retiraram ao cair da noite. Malhoa não mais os abandonou, sentindo muito ter de sair na manhã do dia seguinte, pois o grupo dava motivo para uma mancha interessante. Respondi que os modelos estavam à ordem e a Casa, bem ele o sabia, mais ainda à sua inteira disposição. Mas as circunstâncias não permitiram que nos voltássemos a juntar na minha aldeia de que parece ter trazido boas impressões.

Desculpem o preâmbulo, em que há muito de pessoal, quando o assunto desta minha exposição é apenas focar dois dos mais interessantes aspectos das realizações de José Malhoa: a folia e a dor.

SIhi

O quadro «À volta da romaria», de José Malhoa

Malhoa nunca saiu de Portugal; os seus mestres foram portugueses e a sua pintura é profundamente nacional. Não há um rosto que não conheçamos, uma paisagem que não tenhamos visto, nem sequer atitudes ou cenas que mais ou menos não tenhamos presenciado. A sua pintura é Portugal, nela vivem os nossos costumes, os nossos folgares, as nossas alegrias, as nossas festas e também as nossas mágoas que às vezes, embora raramente, roçam pela tragédia.

José Malhoa tinha um feitio jovial, prasenteiro. Bailava-lhe nos lábios o esboço permanente de um sorriso e gostava, na conversa, de dizer a sua graça sempre a propósito. Era emotivo como aliás mostra a sua pintura. Amava as crianças sem o exteriorizar. Andam na sua obra em várias idades.

À Sombra é o quadro do pequerrucho que ficou em repouso, junto a uma árvore frondosa, enquanto os pais trabalham no campo, ao sol de um dia de verão.

Como Elas se Criam é outra tela em que três crianças da primeira idade, se movimentam e cabriolam, o que o Mestre surpreendeu em flagrante nudez, à sombra dum largo chapéu de sol.

Como é lindo o nosso Menino! é uma cena de presépio em que o filho sobe na adoração dos pais.

Em idades mais avançadas, encontrámo-las a aprender a ler na Varanda das *Glicíneas*, a correr aos foguetes nas Festas e Procissões, a *Espantar os pardais da seara*, rufando um tambor improvizado e em ar grave, de opa, na *Procissão* e no *Viático*, precioso quadro de forte sabor aldeão.

O *Mestre-Escola* promete aos endiabrados discípulos, em fuga, castigo rigoroso, mostrando-lhe a palmatória ao alto, numa atitude de vingança. Quadro de rara be-

Slhi

leza pela figura do pedagogo, composição de cena e da luz que lhe dá vida e expressão.

Como é doce a figura do *Pastorinho* que, com a sua frauta recorda descrições conhecidas, a passar o tempo e a distrair as ovelhas que vai guardando com cuidado! E aquele grupo que se empoleira num resguardo, à *Passagem do coboio?*

E com estes, tantos outros quadros de José Malhoa em que a infância e a primeira mocidade foram realçadas em pinceladas felizes. Ao lado do talento do pintor estava a alma amorosa de um homem que não tendo deixado filhos, soube apreciar os estranhos e deixar na tela as graças das primeiras idades da existência.

O Mestre confraternizava com as alegrias do povo e procurava arquivá-las, tocado da inspiração de um Bernardim Ribeiro. Recordamos as horas de encantamento campestre da *Varanda dos Rouxinóis* e a diabrura inocente das *Cócegas* e o atrevimento brejeiro do *Ai Credo!*

E tantos outros episódios da vida rural em que refulgem as pequenas travessuras da vida aldeã!

Malhoa deliciava-se com as horas folionas dos costumes da plebe. Entre as suas pinturas mais célebres está o quadro *À volta da romaria* em que o vinho transtornou o pobre romeiro que mal se aguenta no deambular da marcha desequilibrada. É na estrada. A alimária que o alijara, procura ruminar umas pequenas ervas que emergem do caminho mal calcetado. O cavaleiro conseguira levantar-se e faz prodígios de equilíbrio; o casaco caído, o braço levantado em atitude compensadora no passo difícil que vai terminar em nova queda. Brilhava o sol forte do Verão. Céu límpido, sem nuvens. Notam-se perto comadres comentando o desastre do beberrão. Ao

Slhj

cimo branqueja uma casa modesta. Ao lado junta-se o povo a ver quem regressa da festa. À esquerda, mais longe, delinia-se uma capelinha na orla da paisagem. A figura dominante, a que enche a tela, é o bêbado folião que foi ao arraial para se divertir e apreciar o tinto dos arredores. O conjunto é um pedaço de terra e de costumes portugueses, das aldeias que cercam Lisboa e que Mestre Malhoa iluminou de luz soberba, de um sol radioso, com que, por vezes, alegra os seus quadros. Alguém disse que Malhoa ia buscar ao sol com o seu pincel a luz com que pintava e assim parece nesse quadro, em que o branco da casa, que compõe a cena à direita, é espelhante. Realça mais do que a cal, mesmo colocada de novo.

Agradava-lhe pintar a alegria dos nossos costumes que ressalta a cada passo nos seus quadros, entre os quais basta citar a *Velhinha a fiar, A fogaça em leilão, As papas,* o *Barbeiro da Aldeia, Toque das Trindades* e tantos outros. Toda a nossa vida rural conduziu o seu pincel em obras esplendorosas.

A paisagem portuguesa também o seduziu deixando algumas telas valiosas; mas a figura e a encenação da vida dos camponeses, os seus costumes, os seus desvairos, foram a parte básica e mais valiosa do seu labor.

Tinha uma certa propensão para focar a folia que anima alguns momentos das classes que labutam e aparecem nos ócios da aldeia, na agitação das vielas de Lisboa, em folguedos e cantares. E uma faceta especial que desejo relembrar. Além do documentário rural, tranquilo e doce, em que amplia a obra iniciada por Millet, há qualquer coisa mais. Malhoa, pretendeu segurar e mostrar, com a sua arte potente e forte, alguns desmandos da vida popular.

Slhj

Já pertencem a manifestações da folia alegre das nossas festas da aldeia, a apresentação do *Zé Pereira* que aparece a ferir os tímpanos com o ruído atroador dos bombos ao iniciar dos nossos arraiais e da *Descamisada*, regalo das noitadas de verão nas regiões nortenhas, em que predomina a cultura do milho. Há graçolas, embuçados, mascarados, o beijo do milho-rei, tudo culminado pelas danças na eira, retiradas as espigas e as palhas, ao som das violas e harmónios. Malhoa não esqueceu o epílogo da festa e o seu quadro *Milho ao Sol* mostra as espigas em mantas, a prepararem-se para a malha que não tarda, e também é festa de trabalho.

O Mestre foi mais longe no arquivo pictórico das doces folias do nosso povo. Já citámos a bela tela *À volta da romaria*, que pormenorizámos, e que pode denominar-se a alegria da boa pinga. Mas há também o vinho triste que leva à imobilidade, concentração, ao embrutecimento, ao sono irresistível. Malhoa observa este aspecto da intoxicação vínica em outras telas. *O vinho novo* e *Festejando o S. Martinho* são, no género, obras-primas. A folia levou-os a estarem ébrios como se tivessem decidido resolver, numa tarde, a crise vinícola! A composição é nestes quadros diferente da dos outros similares, célebres, de autores de renome, em que mostram bêbados mais ou menos estilizados. Os de Malhoa são ao natural, produto do carrascão das nossas vinhas. Não há disfarces. Caem sobre a mesa tosca de pinho da terra, num abandono da vida, como se estivessem dispostos a passar a noite confortàvelmente em colchão de sumaúma. O Mestre é de uma precisão perfeita no delinear das fisionomias toldadas pelo álcool e em atitudes variadas. É o vício a ressaltar daqueles rostos pálidos, de pálpebras caídas, num abandono total. Realidade triste mas com-

Slhj

pleta, sem disfarces nem benevolências. Nada conheço que exceda em verdade, as expressões dos embriagados que Malhoa conseguiu trazer a uma das suas melhores composições.

As folias da Mouraria! Foi este um bairro típico de Lisboa que o urbanismo imolou ao progresso e beleza da urbe, mas que deixou saudades aos que amam as velharias citadinas. O Bairro Alto também se civilizou. Resta Alfama que espero seja conservada, na sua fisionomia típica de ruelas estreitas e aspectos panorâmicos de curiosas perspectivas. O passado destes bairros fica presente num ou outro trabalho literário, como o da «Severa» de Júlio Dantas, ou em alguns apontamentos de artistas de outros tempos. Malhoa eternizou a Mouraria num dos seus melhores quadros: *O Fado*. Deu-lhe trabalho a escolha dos modelos. Contou-me que perdeu muito tempo a encontrar o tipo do fadista que, ao lado da mulher da vida, esbandalhada e descomposta, forma o conjunto precioso do quadro que há-de ser admirado através dos tempos numa evocação de vício e de paixão, de abandono e de ardor amoroso, de relaxamento e de cantares. Sente-se o fado, a triste canção que nasceu nos alcoices e trinou nas guitarras que foram companheiras dos marujos que seguiram nas caravelas e galeões em demanda de novos mares, novas terras e novos céus!

José Malhoa pôs nesse quadro toda a alma de um povo aventureiro que amava a folia e o desbragamento. Nada há na tela que não seja do passado, das folias da Mouraria, onde foi procurar os originais, em colóquios e amuos, que conseguiu surpreender em hora bem-asada. Há quem não goste do fado, por isso talvez critique essa obra-prima do genial Mestre, o mais castiço pintor que teve Portugal. As gerações passam e, digam o que disse-

Slhi

rem, a canção fica. Nesta hora continua a ser apreciado por nacionais e estrangeiros, nas salas que lhes dedicam os entusiastas do Bairro Alto.

O *Fado* de Malhoa é documento que perdurará mesmo que o entusiasmo do presente pela canção popular esmoreça com o rodar dos anos que tudo consome e destrói. Os que repelem a música que a maioria ama e sente, não renegarão a obra de Malhoa que é inegàvelmente um dos seus melhores quadros pela verdade e técnica, obra excelsa da Arte portuguesa. É pelo menos um monumento de alta categoria que marca uma época e, também uma predilecção acentuada da maioria dos lusitanos da hora presente.

Mas as alegrias e até as folias ousadas do Mestre não foram o aspecto único da sua obra de eleição. É por certo muito valiosa e marca uma personalidade. Sensível à desventura também a soube trazer a lume e com raro talento não fugindo, em geral, ao âmbito popular em que desenvolveu a sua acção e onde surpreendeu os seus melhores modelos.

A sua jovialidade e o feitio folgasão, desaparece perante a desgraça alheia e há um avultado número de quadros em que mostra a sua fina sensibilidade perante a dor sob os mais variados aspectos.

Enumerarei alguns dos quadros que conheço e em que avulta esta feição.

A *Citação à penhora* traz-nos à vista a desgraça dos que caíram na miséria guardada em enganadora aparência que os credores implacáveis e a justiça impiedosa levam à desventura do lar. Há dor nos rostos dos citados a contrapôr à frieza do empregado que executa ordens e a quem já não fazem mossa as lágrimas alheias. Cena de aldeia em que paira a melancolia dos que

Slhi

amanhã dificilmente poderão recompor a sua vida por deficiência de energias, visto terem desaparecido as forças da mocidade.

A *Morte do porco* é uma tragédia dolorosa do casal. Fora de repente. Mal rubro, talvez. Quanta tristeza naqueles rostos tisnados pelo sol nas lides da lavoira! O arranjo da alimentação do ano sùbitamente desaparecido porque, na gente pouco abastada da aldeia, o porco é a alegria do serrabulho e dos rijões, a fartura da orelheira e dos enchidos e, depois, o governo da salgadeira, o tempero do caldo e, em dias de festa, o presunto e a carne gorda a dar vida à arrozada! Tudo desaparecera na desgraça da morte do animal que, com tanto carinho fora criado e, sabe Deus com que sacrifício, no último tempo da engorda, com milho à farta! E toda esta lista de desventuras transparece na mágoa dos seus antigos possuidores! Malhoa conseguiu vincar nos rostos dos que contemplam o animal inanimado, as privações do ano que sùbitamente caíram sobre os infelizes camponeses que a desgraça fustigou.

Vou ser mãe! é o grito daquela rapariga que, em desalinho, se prostrou por terra, ao sentir a verdade de alguma coisa grave de que vinha suspeitando. Tristeza e ansiedade! Que vergonha na aldeia onde era estimada! Desvairo de momento, ingenuidade e imprevidência por acreditar nas promessas formais que lhe fizera o namorado! Malhoa deu ao quarto e à figura descomposta da infeliz um cunha dramático de desespero.

Pecados que, por vezes, surgem no decorrer da mocidade sem que possam ser remediados. Mas talvez tudo se componha e o pai apareça para o desejado matrimónio. Dor que só um coração sente, num corpo onde já dois palpitam!

Slhi

Aquela outra rapariga que acompanhou o pai à feira e que o viu perdido junto à pipa do vinho do outro Verão, rubro e espumante, nos avantajados copos de quartilho, sofre a mágoa de ver os seus deslizes a caminhar para a embriaguez. Dificilmente terá forças para voltar a casa. E então toma ares de protectora. Troca o lugar de filha pela de alguém que tenha maior autoridade, para lhe gritar com convicção amiga, em voz meiga mas imperativa, *Basta, meu pai!* Não se vê se este obedeceu, mas estou em crer que sim, devido à força da advertência e à razão da censura que a voz da filha dulcificou.

Malhoa soube retratar a tristeza alheia, em que poisam laivos de melancolia resignada, na persistência do pensar preso a ideias que não fogem. O quadro *Só na aldeia* é uma dessas telas do Mestre em que realça o pormenor da atitude e da angústia de uma mulher, o rosto apoiado na mão direita, num abandono em que se sente a imobilidade do pensamento e a tortura da perda do ente querido, com cuja memória quer viver a sós, na escuridão do seu isolamento. A composição do quadro é sóbria e a figura da mulher, de luto, sentada nas pedras da entrada do seu tugúrio é impressionante, numa paisagem de miséria em que avulta uma máscara dolorida, em que paira a saudade portuguesa.

Um dos melhores quadros de Malhoa é o das *Promessas*. Grandeza, movimento, a procissão em marcha, com a rua enfeitada de mastros e cordas com bandeiras multicores, pendões das confrarias, andores, opas, toda uma orgia de policromia em movimento. A meio do quadro há uma mulher por terra e ao lado a figura principal de uma outra, a desfalecer. Ainda a aguentam de joelhos, mas o rosto denota uma extrema fadiga e dor

Slhi

Quadro «O Remédio», de José Malhoa

física, tão intensa, que não há amparos que lhe valham. Foi num momento de grande desventura, talvez a doença grave de um filho, que prometeu a romagem, de joelhos, ao lado do andor, até à Capela distante. Malhoa soube dar ao rosto alanceado, quase desmaiado da penitente, o traço de uma moribunda a arrastar-se num último impulso, no cumprimento do que julgava um dever imperioso. Devia ir até ao fim, mas exausta de forças está prestes a cair de sofrimento. Nem a ajuda da amiga a consegue amparar a tempo! Um frémito de devoção aureola a cena e cobre-a um forte negrume de amargura.

As *Promessas* fica sendo uma página triste dos preconceitos religiosos, e é de uma realidade vibrante em que palpita a alma de um grande observador e genial artista.

Na vasta galeria dos quadros de José Malhoa há um em que há o busto de uma rapariga que é a ansiedade personificada. Apenas um rosto e a atitude da marcha, e é um complexo de apreensões e esperança, de uma grande dor aliada a uma forte confiança. Veio à vila, pelo caminho alcantilado da serrania, buscar *O Remédio* que há-de salvar a mãe. Volta apressada, a garrafa da droga salvadora encostada ao peito. O movimento da figura é do melhor que conheço e a tela é, para mim, das mais impressionantes e sugestivas do Mestre que soube surpreender a tortura do cérebro, no rosto, na atitude e na marcha de uma rapariga a sentir e a sofrer. É um exemplo dos sentimentos altos da gente humilde da nossa terra. Malhoa conseguiu mostrar numa única figura a gama variada e torturante da existência.

Há um seu quadro, *O Emigrante*, que é o retrato vivo da saudade. O abandono da aldeia querida, da

Slhi

casita onde nasceram e cresceram os filhos e onde ficará a mulher bem amada, agora só e entregue aos cuidados dos parcos haveres e da vigilância das crianças que não esquecem o pai, mas cuja ausência não sabem compreender. Ele segue pelo caminho acidentado em busca do porto de embarque. Ainda, num último relancear, avista a aldeia prestes a desaparecer na dobra do outeiro. De sacola ao ombro, segura pela vara que lhe servia de apoio e de defesa nas romarias, o chapéu derrubado, a mão direita segurando o varapau numa postura pouco firme em que o pintor pôs muito de desalento, lança um último olhar para a casita que já mal se esboça, onde passou a vida penosa de trabalhador rural, mal bastando para dar de comer à família. Vieram dívidas. Só havia um recurso, emigrar para terras donde pudesse mandar o bastante para livrar os seus da miséria que caíra sobre o lar. Quantas lembranças levava consigo, quantas mágoas o torturavam nesta hora de incertezas e de cruel despedida!

No quadro não se vislumbra a reacção que, por certo, havia de animá-lo para a nova vida que ia iniciar sem saber o que iria fazer e o sucesso que do seu trabalho poderia tirar. Na figura do *Emigrante* só há tristeza e dor, saudade e lágrimas que se não vêem, mas se sentem a deslisar pela face morena, tisnada pelas intempéries do tempo. Malhoa soube dar a esta figura de homem ainda novo, não a resolução de um combatente para alcançar melhores dias, mas a dolorosa expressão de alguém que sabe sentir o afastamento de tudo o que lhe foi querido na vida e que segue com ele, em culto de devoção famliar.

Entre os quadros de José Malhoa há um muito antigo, de 1891, *O Último Interrogatório do Marquês de Pombal* que se admira no Museu das Caldas da Rainha e que

Slhi

está fora da sua forma definitiva e dos assuntos da sua predilecção artística. Mas Malhoa também pintou alegorias de mérito, retratos primorosos, etc., que não me cabe citar por estarem fora do âmbito desta despretenciosa palestra.

A tela a que me venho referindo, tem lugar nesta exposição por estar dentro do título apresentado. É talvez um pouco convencional, mas prende-me pela perfeição do desenho, em que o Mestre era admirável, e até, pelo arranjo da concepção em que há discreta espiritualidade dramática com que enriqueceu o avantajado quadro, o maior que produziu. As figuras das senhoras de família que cercam o protagonista, completam a cena. No rosto do Marquês transparece a dor do descalabro do seu poderio e da sua força, mas há qualquer coisa de despreso angustioso que o pintor marcou no seu porte, perante os frades que ficam em frente, na mesa de um aspecto de tribunal. Vingança que se atenua em relativa sombra.

O Marquês de Pombal teve na sua vida arbitrariedades condenáveis e crueldades atrozes, mas restaurou Lisboa após o terramoto, criando uma arquitectura nova que é conhecida pelo seu nome. A ele devemos o Terreiro do Paço que ainda é hoje a mais bela praça de Lisboa. Rosnou-se que iam alterar a harmonia do conjunto elevando um andar por necessidade de espaço nos ministérios, quando há tanto local em Lisboa para os construir vastos e espaçosos. Espero que o bom senso vença a insânia dos desprezadores da Arte e que se mantenha essa relíquia de um passado, que não sendo longínquo, marca uma época e uma interessante concepção arquitectónica.

Basta o que se fez no Rossio! Que pena não se reconstruir, conservando a primitiva harmonia, na traça original.

Slhi

Criou o Marquês várias indústrias, deu protecção ao vinho do Porto e debelou, embora com excessiva severidade, a crise vinícola que começava a sentir-se no país.

Mas foi a reforma da Universidade de Coimbra a sua obra mais valiosa. Pombal conversava, sobretudo em Viena de Áustria, com notáveis celebridades científicas. Era grande observador e tinha cultura e saber para apreciar o progresso das diversas ciências que ao tempo se professavam nos centros universitários da Europa. Procurou colaboradores ilustres entre portugueses que trabalhavam no estrangeiro e os Estatutos da Universidade são, ainda hoje, leitura útil para os que queiram fazer progredir as ciências com reformas úteis.

O Marquês sofreu por fim a afronta dos derrotados. Malhoa apresenta-o no derradeiro inquérito, quando já estava marcado o seu exílio para Pombal, onde suportou uma longa e doentia velhice, com recordações dos dias de triunfo e das ingratidões dos apaniguados que já não podia servir. A sorte dos triunfadores que caem em desgraça.

O último quadro do Mestre, *Desalento*, é um rosto de mulher em que há a tristeza do abandono e do desânimo. Esboço de uma fisionomia torturada que o pintor já não pôde terminar. Preságio do fim que se avizinhava... O adeus da Arte que tão alto elevou?

Sabe-se lá. Foi o último lampejo do seu pincel, expressão sentida da dor alheia que talvez fosse sua. Malhoa devia ser, pelo seu modo alegre e feitio folgazão, que conservou pela existência fora, amigo de viver. Teve desgostos pela morte de pessoas queridas, mas o tempo ia-os desgastando e a sua pintura, a grande amante que o acompanhou desde a mocidade à velhice, assistia-lhe nas horas felizes em que a natural euforia o levava a

Slhi

concretizar em quadros admiráveis, as alegrias alheias que eram também as suas, e amparava-o, quando a compaixão das desventuras o levava a traçar no rosto das suas figuras vincos de tragédia e dor. Malhoa foi o pintor máximo do povo que ri e chora, que folga e sofre. Deixa atrás de si um rasto de recordações do mundo que o rodeou. Estou em crer que sorriu e se comoveu no arranjo dos seus quadros. Não teve horas de ócio, todos os momentos andavam em torno de concepções de novas formas picturais.

Um pequeno episódio, uma ligeira sugestão alcançada num passeio, vislumbrado numa conversa, de preferência com gente rude, era o princípio de um arranjo que não tardava a criar vulto, a passar ao desenho, às tintas e à cor.

António Montez, o ilustre Director do Museu Provincial de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, um dos entusiastas da obra do Mestre, publicou um livro precioso sobre o Mestre, reproduzindo em magníficas estampas as obras que estão à sua guarda. São poucas, porém, em relação às que a grande actividade do Mestre produziu. Não seria possível fazer uma catalogação das suas pinturas e desenhos espalhados pelo país e pelo Brasil, que guarda uma grande parte desse património artístico? E, sendo possível, que a acompanhasse uma reprodução fotográfica das obras principais, de sorte a dar-nos, em toda a sua grandeza, as manifestações do seu privilegiado talento? Ao Estado competiria auxiliar o patriótico empreendimento. Seria uma ampliação da obra já publicada e que merece os louvores de todos os amigos do grande e querido Mestre.

Convivi com José Malhoa, durante anos, podendo assim admirar as suas excelentes qualidades pessoais e as

Slhj

suas predilecções artísticas. Naturalista por excelência, fugia ao irreal. Amando o povo, desejava aproveitar para as suas telas o seu labor, as suas folias, os seus costumes, as suas mágoas. Nas conversas muitas vezes notava pequenos episódios que avultavam no seu espírito, em que a discussão da facto não interessava, para apenas ver o problema de o poder fixar na tela, com a verdade e exactidão que a sua Arte impunha.

Lembro-me de lhe falar das *Promessas* com considerações que sugerem as suas figuras martirizadas. Nunca obtive resposta ou formulou qualquer comentário. O que lhe interessava era surpreender o rosto fatigado e transfigurado da penitente, amaparada, a desfalecer.

Malhoa era um excelente amigo; recordo-o sempre com viva saudade que revive, quando aprecio um precioso carvão que me ofereceu, e conservo em lugar onde posso fàcilmente venerá-lo, e donde ressalta o sorriso suave de minha mãe.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

BA / 2532

Nota — Conferência realizada na Sessão da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Ciências) em 21 de Abril de 1955.

Slhj

Comp. e imp. na **Gráfica Santelmo** — Rua de S. Bernardo, 84 — Lisboa

SIhi